

REFLEXÕES SOBRE ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO E PEDAGÓGICO DE PLATÃO

Stephânia Beatriz FERREIRA¹

Universidade de Uberaba – UNIUBE

Gustavo Araújo BATISTA²

Universidade de Uberaba – UNIUBE

RESUMO

Neste texto serão apresentados os resultados obtidos em atividades de iniciação científica realizadas na Universidade de Uberaba. Tais investigações concentraram-se no pensamento filosófico e pedagógico platônico, com o intuito de buscar o conhecimento do seu ideário para nele encontrar as suas contribuições para a educação. No decorrer deste escrito, serão feitas considerações sobre o que Platão pensa a respeito da busca pela formação do indivíduo, pois, mais que buscar conhecimentos específicos, será mencionado, no decorrer deste texto, a preocupação de Platão em abordar a importância da formação de seres reflexivos, sensíveis e capazes de produzir seus conhecimentos de forma produtiva e significativa. A obra *A República* será citada no decorrer do presente artigo, visto que a mesma traz o projeto de um Estado Ideal, no qual, segundo Platão, homens justos e bons serão instruídos e formados seguindo uma perspectiva física e mental. Esta produção conta com o respaldo teórico de autores como: Abbagnano (2003), Jaeger (2003), Paviani (2008), Reale (1997) e o próprio Platão (1996). Considerando a atualidade do pensamento de Platão e as contribuições que se tem deste pensador, é oportuno que suas ideias sejam discutidas e investigadas constantemente no tempo atual, para o conhecimento e formação de profissionais interessados em colaborar com o constante aprimoramento teórico e prático da educação.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Pedagogia. Platão.

Introdução

Em várias de suas obras Platão descreve seu pensamento pedagógico. Em *A República*, o filósofo propõe a possibilidade de instituir um Estado Ideal, no qual se descreve como este Estado deverá ser construído para que se alcance a formação integral dos indivíduos que a ele pertencerem. O citado Estado Ideal é inteiramente organizado por classes

¹ Aluna do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG) da Universidade de Uberaba, pela qual também é graduanda em Pedagogia. Contato: stebferreira@gmail.com.

² Professor Doutor da Universidade de Uberaba e da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Fundação Carmelitana Mário Palmério. Contato: mrgugaster@gmail.com.

e voltado para a formação de homens justos e de bem, que possuam valores morais, que os possibilitem administrar este Estado de forma correta e justa. Para a que aconteça a formação destes indivíduos, conta-se com os propósitos metafísicos, epistemológicos, éticos e políticos.

O filósofo também descreve em suas obras seu pensamento em relação à formação desses indivíduos utilizando a Ginástica e a Música, as Ciências Matemáticas onde está incluído a Aritmética, Geometria e Estereometria; a Astronomia e a Dialética.

Para Platão, o homem na sociedade é um ser que reproduz aquilo que já é existente em um mundo superior ao que vivemos. Platão acredita que acima de nós existe um mundo que é uma referência para a nossa projeção e formação em nosso planeta. Segundo ele, reproduzimos aquilo que já é existente, definindo o mesmo como a verdadeira realidade, assim, descreve em suas obras a relação do mundo inteligível (Ideia) e do mundo sensível (Matéria).

No decorrer do presente artigo, serão expostas as reflexões feitas sobre o pensamento pedagógico platônico, partindo da obra *A República*, contando com a contribuição de autores como: Abbagnano (2003), Jaeger (2003), Platão (1996), Paviani (2008), entre outros. A fundamentação teórico-metodológica deste escrito tem como suporte o materialismo histórico-dialético, segundo Goldmann (1967).

Ao pensar nas transformações ocorridas ao longo da história, é evidente a constante a busca em alcançar a formação ideal entre as demais culturas. Na atualidade, entre as diversas propostas para alcançar tal formação, é visível a presença, da apropriação de conhecimentos específicos, que auxiliam na formação dos indivíduos da atual civilização. Acima deste pensamento, Platão nos mostra a importância de irmos além de conhecimentos específicos, mas de formarmos seres capazes de refletir, de sentir e de produzirem seus conhecimentos de forma significativa, tornando-se seres sábios quando alcançam e realizam a implantação de novas propostas de forma produtiva para seu uso e para o uso do próximo, sempre pensando na melhoria e no bem-estar de todos.

A busca por uma formação ideal é constante e inacabada. Têm-se registros ricos que não só podem como devem ser utilizados para o esclarecimento e conhecimento de nossa sociedade. Diretamente, reflexões feitas sobre pensamentos históricos e filosóficos, auxiliam educadores e professores a reconhecer a importância de seu papel, para a formação desta sociedade. Alcançar uma formação integral é responsabilidade de educadores e professores, que são profissionais formados para colaborar significativamente com esta formação. Considerando grandiosamente, a importância desses, terem acesso a textos que colaborem para a aquisição de novos conhecimentos e de profissionais qualificados a mostrá-los a

importância desses pensamentos filosóficos que colaborem significativamente para a prática docente e pedagógica. É com tal pretensão, que serão expostos neste artigo, alguns aspectos do pensamento pedagógico que Platão discorre ao longo de suas obras.

Considerações sobre algumas ideias filosóficas e pedagógicas platônicas a partir de alguns excertos de suas obras

Platão aborda temas que dizem respeito à educação ao longo de várias de suas obras, uma vez que a filosofia em geral é tomada, sob a sua perspectiva, como a atividade pedagógica por excelência, já que é por seu intermédio que se dá a autêntica educação, na qual o homem deveria ser exercitado. Tal educação, sob a sua perspectiva, consiste em fazer com que os olhos da alma, isto é, a razão ou a inteligência, volte-se para as realidades superiores e, a partir delas, façam com que os indivíduos pensem e ajam da melhor maneira possível:

_ [Sócrates] Temos então – continuei eu – de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles³ que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos.

_ [Gláucon] Dizem, realmente.

_ [Sócrates] A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não?

_ [Gláucon] Chamamos.

_ [Sócrates] A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso (PLATÃO, 1996, p. 322-323)⁴.

Limitando-se aqui a tratar do projeto pedagógico que Platão delineia na *República*, este estudo propõe-se a discorrer acerca do currículo elaborado para a formação dos cidadãos em geral e, em particular, para a educação do Rei-Filósofo, posto que, sendo a sua missão a mais nobre a ser desempenhada junto ao Estado, isto é, o governo, cumpre formá-lo de maneira tal que o faça do melhor modo possível, porque é a sua missão, uma vez superando as trevas da ignorância e atingindo as luzes da sabedoria, retornar àqueles que não o fizeram, com o escopo de conduzi-los:

³ Ou seja, sobretudo os sofistas.

⁴ Cf. *República*, 518c-d.

_ [Sócrates] É nossa função, portanto, forçar os habitantes mais bem dotados a voltar-se para a ciência⁵ que anteriormente dissemos ser a maior, a ver o bem e a empreender aquela ascensão e, uma vez que a tenham realizado e contemplado suficientemente o bem, não lhes autorizar o que agora é autorizado.

_ [Gláucon] O quê?

_ [Sócrates] Permanecer lá e não querer descer novamente para junto daqueles prisioneiros nem partilhar dos trabalhos e honrarias que entre eles existem, quer sejam modestos, quer elevados (PLATÃO, 1996, p. 324-325)⁶.

Mesmo admitindo, por um lado, a inexistência do seu Estado Ideal, Platão reconhece, por outro lado, que é possível instituí-lo, ainda que apenas no interior do indivíduo. Para isso, é preciso preparar os seus futuros membros, a fim de que vivam conforme os arquétipos inteligíveis, razão pela qual a educação teria de ser reorganizada para atender aos propósitos metafísicos, epistemológicos, éticos e políticos aos quais Platão subordina a sua pedagogia com o intuito de concretizar o seu propósito de educar os mais aptos intelectual e moralmente para administrar o Estado, a fim de que todos os seus membros se beneficiem da formação que lhes for destinada não apenas para o seu bem particular, mas principalmente para o bem público:

_ [Gláucon] Quê? Vamos cometer contra eles a injustiça de os fazer levar uma vida inferior, quando lhes era possível ter uma melhor?

_ [Sócrates] Esqueceste-te novamente, meu amigo, que à lei não importa que uma classe qualquer da cidade passe excepcionalmente bem, mas procura que isso aconteça à totalidade dos cidadãos, harmonizando-os pela persuasão ou pela coacção, e fazendo com que partilhem uns com os outros do auxílio que cada um deles possa prestar à comunidade; ao criar homens destes na cidade, a lei não o faz para deixar que cada um se volte para a actividade que lhe aprouver, mas para tirar partido dele para a união da cidade (PLATÃO, 1996, p. 325)⁷.

Ao voltar-se para a educação praticada em seu tempo, Platão conclui que ela constitui uma condição necessária, porém ainda não suficiente, para formar os futuros cidadãos do seu Estado. Assim, o filósofo procura expor aquilo que deve e aquilo que não deve ser continuado na educação de sua época (tendo como pano de fundo a defesa do método dialético socrático e o combate do método retórico sofístico), construindo, pois, um novo modelo pedagógico, no qual entrariam tanto elementos da educação tradicional grega quanto elementos por ele acrescentados, tendo-se em vista, com isso, uma nova forma organização social em geral e, em particular, uma nova maneira de praticar a educação; de acordo com Paviani:

Antes de Platão, a educação tradicional na Grécia antiga não é problematizada. Com Platão todo o sistema educacional é posto sob suspeita.

⁵ Trata-se da dialética.

⁶ Cf. *República*, 519c-d.

⁷ Cf. *República*, 519e-520a.

Com a nova proposta platônica, educar não significa apenas transmitir os bons hábitos e costumes dos pais para os filhos, aprender música, praticar a ginástica, seguindo o que é considerado bom ou mau, conforme as normas sociais. Não basta que a alma e o corpo sejam formados pelo treinamento, pela imitação, pela memorização, pois as próprias leis têm caráter educacional. O ideal da educação é o bem, o justo, o verdadeiro. Assim, a tradição e os procedimentos sociais, considerados durante longo tempo critérios da educação, agora são questionados. Platão questiona a educação de seu tempo, propõe novas condições para se alcançar uma verdadeira educação. Para ele, definitivamente, existe uma boa e uma má educação (PAVIANI, 2008, p. 45).

Em se tratando de aproveitar elementos da educação helênica tradicional, Platão defende a continuidade da ginástica (a qual confere o enrijecer e o fortalecer do corpo) e da música⁸ (na qual também se incluiria a literatura), visto que tais disciplinas são úteis para o cultivo inicial tanto do corpo quanto do espírito, razão pela qual devem ser os primeiros componentes curriculares pelos quais os educandos devem passar, a fim de que, posteriormente, sejam sistematicamente selecionados para desempenharem suas funções junto ao Estado; porém, há que se precaver contra o fato de que essas duas artes não devem ser exercitadas isoladamente, já que podem provocar vícios nos estudantes: “Os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam apenas à música tornam-se mais moles do que lhes ficaria bem” (PLATÃO, 1996, p. 149)⁹. Ademais, Platão adverte que os conteúdos literários a serem ministrados precisariam passar por uma depuração, a fim de que as crianças, ao serem educadas pelas fábulas, sejam-no de modo tal que não lhes sejam inculcadas, por meio delas, aquilo que não deveriam aprender:

_ [Sócrates] Ora, pois, havemos de consentir sem mais que as crianças escutem fábulas fabricadas ao acaso por quem calhar, e recolham na sua alma opiniões na sua maior parte contrárias às que, quando crescerem, entendemos que deverão ter?

_ [Adimanto] Não consentiremos de maneira nenhuma.

_ [Sócrates] Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as mães e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com

⁸ _ [Sócrates] Não é então por este motivo, ó Gláucon, que a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afectam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita, se se tiver sido educado? E, quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sentiria mais agudamente as omissões e imperfeições no trabalho ou na conformação natural, e, suportando-as mal, e com razão, honraria as coisas belas, e, acolhendo-as jubilosamente na sua alma, com elas se alimentaria e tornar-se-ia um homem perfeito; ao passo que as coisas feias, com razão as censuraria e odiaria desde a infância, antes de ser capaz de raciocinar, e, quando chegasse à idade da razão, haveria de saudá-la e reconhecê-la pela sua afinidade com ela, sobretudo por ter sido assim educado.

_ [Gláucon] A mim afigura-se-me que é por razões dessas que se deve fazer a educação pela música (PLATÃO, 1996, p. 133-134; Cf. *República*, 401e-402a).

⁹ Cf. *República*, 410d.

as mãos. Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se (PLATÃO, 1996, p. 87)¹⁰.

Empenhado, principalmente, com a educação intelectual e moral do ser humano, a qual, por sua vez, garantiria a existência de uma nova ordem social ou política, Platão percebe que as fábulas, na qualidade de narrativas utilizadas para formar a mente das crianças, deveriam nelas incutir valores, crenças ou opiniões que, pelo menos, estivessem de acordo com o seu projeto de implantação do Estado Ideal. Uma vez constatando que tais estórias, em sua maioria, não se têm prestado aos seus propósitos, o filósofo conclama a sua refutação, motivo pelo qual os poetas só seriam aceitos se desenvolvessem suas atividades de modo a inspirarem a imitação do bem, ao invés de tratarem de assuntos que não propiciariam o amor à verdade e à virtude; a seguinte passagem da *República* descreve o tratamento que seria dado, então, ao bardo:

Se chegasse à nossa cidade um homem aparentemente capaz, devido à sua arte, de tomar todas as formas e imitar todas as coisas, ansioso por se exibir juntamente com os seus poemas, prosternávamo-nos diante dele, como de um ser sagrado, maravilhoso, encantador, mas dir-lhe-íamos que na nossa cidade não há homens dessa espécie, nem sequer é lícito que existam, e mandá-los-íamos embora para outra cidade, depois de lhe termos derramado mirra sobre a cabeça e de o termos coroado de grinaldas. Mas, para nós, ficaríamos com um poeta e um narrador de histórias mais austero e menos apazível, tendo em conta a sua utilidade, a fim de que ele imite para nós a fala do homem de bem e se exprima segundo aqueles modelos que de início regulámos, quando tentávamos educar os militares (PLATÃO, 1996, p. 126-127)¹¹.

Ademais, Platão condena o discurso poético por ser enigmático¹² e falso¹³, razão pela qual simultaneamente tergiversa, dificulta ou compromete a compreensão daquilo que, de fato, quer expressar¹⁴, ao contrário do discurso filosófico, o qual se esmera, sobretudo, em fazer-se lógico e verdadeiro ao máximo possível; destarte, o filósofo e o poeta estariam, sob tal perspectiva, em ângulos diametralmente opostos, não podendo, pois, coexistir na sociedade ideal, a menos que este fosse subserviente àquele, ou seja, somente quando o poeta fosse

¹⁰ Cf. *República*, 377c.

¹¹ Cf. *República*, 398a-b.

¹² Cf. *República*, 332b.

¹³ Cf. *República*, 377d.

¹⁴ Nesta acepção, o poeta e o sofista equivalem-se, uma vez que, ao priorizarem a aparência, tornam-se, conseqüentemente, imitadores e não expositores da realidade. No final do seu diálogo intitulado *Sofista*, Platão resume, magistralmente, a sua definição deste praticante da arte de malogar:

O ESTRANGEIRO – Portanto, a espécie imitativa da parte irônica da arte baseada na opinião, a qual é uma parte da arte da contradição e que pertence ao gênero imitativo, o qual se liga à arte de produzir imagens, essa porção, não divina mas humana, da produção que se especializa nos discursos e fabrica prestígios, eis, pode dizer-se, “a linhagem e o sangue” de que o verdadeiro sofista descende, e, a meu ver, dir-se-á a verdade exacta.

TEETETO – É perfeitamente justo (PLATÃO, 1999, p. 96).

capaz de ser um educador que preparasse os indivíduos para a filosofia, utilizando-se da sua arte de maneira a oferecer exemplos de conduta a serem seguidos, cooperando, conseqüentemente, com o filósofo, de cuja missão faz parte elevar espiritualmente a humanidade, seja pelo seu aprimoramento intelectual, seja pelo seu aperfeiçoamento moral; em assim sendo:

Platão quer chamar a atenção para o fato de que a arte não tem valor em si mesma. Quando a arte não se deixa fecundar pelo *logos*, torna-se falsa, falaciosa, esconde a verdade, causando perturbação à alma. Nesse sentido, toda a arte que pretenda ser verdadeira deverá “submeter-se à Filosofia, única capaz de alcançar a verdade. O poeta deve obedecer às regras e à dialética do Estado” (TEIXEIRA, 2006, p. 79; grifo do autor).

Depois de condenar a educação pela poesia nos moldes em que era praticada em seu tempo, fazendo, em contrapartida, a sua reabilitação para atender ao escopo de formar intelectual e moralmente os cidadãos do Estado Ideal, Platão concebe um programa de estudos que, iniciando-se pela ginástica e pela música-literatura, prosseguiria com as seguintes disciplinas: aritmética, geometria, estereometria, astronomia, harmonia e, finalmente, a dialética. Tal currículo de estudos, diga-se desde já, não seria oferecido por completo a todos os cidadãos, indistintamente, porquanto somente aqueles que demonstrarem melhores aptidões intelectuais e morais serão aquilatados para receberem ensinamentos mais avançados e aprofundados: “Por isso, a Filosofia não é uma atividade de massa, antes, pelo contrário, é impossível que a multidão seja filósofa. A Filosofia é uma atividade grandiosa e por demais e por demais sublime para estar nas mãos de todos” (TEIXEIRA, 2006, p. 42).

O fato da aritmética estar entre as disciplinas que fazem parte do currículo de estudos a serem feitos por aqueles que vão proteger e governar o Estado repousa tanto sobre motivos pragmáticos quanto sobre razões especulativas. Em relação às questões práticas, essa ciência aplica-se à arte de guerrear, uma vez que é impossível a um militar ignorar a importância do cálculo e do cômputo para exercer a sua estratégia¹⁵. Quanto às indagações teóricas, seu emprego na filosofia é muito útil, porquanto auxilia o filósofo a exercitar-se na tarefa de atingir o Mundo Inteligível:

¹⁵ _ [Sócrates] Logo, que outra ciência havemos de considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar?

_ [Gláucon] Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem.

_ [Sócrates] Pensas desta ciência o mesmo que eu?

_ [Gláucon] O quê?

_ [Sócrates] Pode muito bem ser uma daquelas ciências que procuramos, e que conduzem naturalmente à inteligência, mas de que ninguém se serve correctamente, apesar de ela nos elevar perfeitamente até ao Ser (PLATÃO, 1996, p. 331; cf. *República*, 522e-523a).

Seria, portanto, conveniente, ó Gláucon, que se determinasse por lei este aprendizado e que se convencessem os cidadãos, que hão-de participar dos postos governativos, a dedicarem-se ao cálculo e a aplicarem-se a ele, não superficialmente, mas até chegarem à contemplação da natureza dos números unicamente pelo pensamento, não cuidando deles por amor à compra e venda, como os comerciantes ou retalhistas, mas por causa da guerra e para facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência (PLATÃO, 1996, p. 336)¹⁶.

Sobre a geometria, Platão tem o mesmo a declarar em relação à aritmética, isto é, trata-se de uma disciplina que se presta igualmente à atividade prática militar e ao exercício teórico filosófico. Outrossim, aqueles a quem forem confiadas as missões de salvaguardar e de administrar o Estado, uma vez passando pela aritmética, seguiriam seus estudos aprofundando-se na geometria, a qual lhes daria maior perícia na arte da guerra e, quanto à filosofia, ficariam ainda mais familiarizados com a contemplação daquilo que é imutável, eterno ou perene, sendo, conseqüentemente, conduzidos ao reino do universal e do necessário:

_ [Gláucon] É fácil de concordar – respondeu ele – uma vez que a geometria é o conhecimento do que existe sempre.

_ [Sócrates] Portanto, meu caro, serviria para atrair a alma para a verdade e produzir o pensamento filosófico, que leva a começar a voltar o espírito para as alturas e não cá para baixo, como agora fazemos, sem dever.

_ [Gláucon] É muito capaz de o fazer.

_ [Sócrates] Portanto, prescreveremos afincadamente aos habitantes do nosso belo Estado que não deixem, de modo algum, a geometria. Além disso, os seus efeitos acessórios não são pequenos.

_ [Gláucon] Quais? – perguntou ele.

_ [Sócrates] Aqueles que tu disseste: os que dizem respeito à guerra, e, em especial, a todas as ciências, de modo que se apreendem melhor. De qualquer modo, sabemos que aquele que estudou geometria difere totalmente de quem não a estudou (PLATÃO, 1996, p. 338-339)¹⁷.

Ao se exercitarem nos estudos da aritmética e da geometria, os futuros militares e governantes serão introduzidos na estereometria¹⁸, a qual se ocupa de calcular o volume dos sólidos geométricos. Assim, depois de passarem pela ciência dos números (aritmética) e pela ciência das figuras geométricas bidimensionais (geometria), a próxima etapa seria a de apreender a ciência das figuras geométricas tridimensionais, a fim de que, em seguida, sejam estudadas as esferas celestiais, com seus respectivos movimentos, através da ciência da astronomia, ou seja: “Ora o que está certo é que, após a segunda dimensão, se trate da terceira, que é a dos cubos e a que possui profundidade” (PLATÃO, 1996, p. 340)¹⁹. A seguinte citação vem a coroar o valor educativo dado pelo filósofo aos saberes matemáticos:

¹⁶ Cf. *República*, 525c.

¹⁷ Cf. *República*, 527b-c.

¹⁸ Embora Platão faça menção desta disciplina científica, o termo pelo qual a designa só começa a aparecer a partir de Aristóteles (384-322a.C) – cf. *Análíticos Posteriores*, II. 13. 78b 38.

¹⁹ Cf. *República*, 528b.

Segundo Platão, as matemáticas possuem uma função educativa profunda. Não se trata apenas de resolver problemas práticos. As matemáticas ajudam a despertar o espírito, adquirir memória, desembaraço e vivacidade. Elas conduzem naturalmente à inteligência e elevam aquele que a pratica até o Ser²⁰. As matemáticas despertam e exercitam aquilo que é comum a todos os homens: a faculdade da razão. Sua função é despertar o pensamento, purificar e estimular a alma na busca do conhecimento. O pensamento em sua ação visa a uma finalidade. Visto que o homem é um ser racional, o homem age em vista de um fim. O fim do pensamento, enquanto tarefa do espírito, é satisfazer o desejo de conhecer as coisas. E a finalidade do conhecimento é a prática do bem. O homem é um ser desejoso de conhecer as causas últimas, pergunta-se constantemente por aquelas causas que tocam mais de perto a própria natureza e seu destino. O homem deve, através do pensamento, elevar-se moralmente daí a importância das matemáticas na educação como purificação e conversão ao ser (TEIXEIRA, 2006, p. 43).

Chegando-se à astronomia, esta propiciará, em termos pragmáticos, conhecimentos relativos às artes de cultivar o solo, de navegar e de guerrear²¹ e, em termos especulativos, estudar o movimento regular das revoluções dos corpos celestes oferecerá conhecimentos propedêuticos que levarão à contemplação daquilo que é ordenado e perfeito, ou seja, às Formas, disso decorrendo a sua utilidade para o filósofo: “Julgo evidente para toda a gente que essa ciência força todas as almas a olhar para cima e as conduz das coisas terrenas às coisas celestes” (PLATÃO, 1996, p. 342; cf. *República*, 529a)²². Outrossim, os estudos astronômicos, uma vez voltados para o mundo supra-lunar, darão aos futuros protetores e dirigentes do Estado exemplos de regularidade e de ordem celestial, os quais, por sua vez, deverão ser reproduzidos na sociedade, seja em sua organização e funcionamento político, seja em sua conduta moral.

Assim como, pela astronomia, o indivíduo, sob a perspectiva platônica, terá o seu sentido da visão educado para se habituar à contemplação das coisas celestes, à harmonia caberá, **mutatis mutandis**, fazer-lhe o mesmo, trabalhando, porém, com o sentido da audição, contribuindo, destarte, para habituá-lo a perceber a correspondência entre números e sons e, conseqüentemente, possa atraí-lo para a contemplação do equilíbrio e da perfeição do Mundo Inteligível, pois sendo a harmonia a combinação entre a música e a aritmética, os estudos dos

²⁰ Cf. *República*, 523a.

²¹ “Parece-me, sem dúvida, porquanto convém não só à agricultura e à navegação, mas não menos à arte militar, uma perfeita compreensão das estações, meses e anos” (PLATÃO, 1996, p. 339; cf. *República*, 527d).

²² Faz-se oportuno aqui mencionar que, na perspectiva platônica, assim como na perspectiva antiga e medieval em geral, o mundo supra-lunar era visto como um mundo perfeito, eterno (porquanto feito de éter, o quinto elemento ou a quintessência da natureza, caracterizado pela incorruptibilidade e pela imutabilidade), razão pela qual o filósofo tinha em mente que o espaço sideral estava, pois, o mais próximo possível, no Mundo Sensível, das características do Mundo Inteligível. Tal concepção só começaria a perder credibilidade a partir do Século XVII, quando os experimentos feitos principalmente por Galileu Galilei (1564-1642) demonstraram que ela não estava correta, devido a certas constatações, tais como as manchas solares e às irregularidades na superfície lunar.

acordes franquearão à mente do educando abrir-se à procura da bondade e da beleza do Mundo Inteligível, conforme atesta Platão nesta citação, a qual, criticando o estudo da harmonia nos moldes em que era feito em sua época, apresenta, em contrapartida, sua verdadeira utilidade:

[Sócrates] Com efeito, eles procuram os números nos acordes que escutam, mas não se elevam até ao problema de observar quais são os números harmónicos e quais o não são, e por que razão diferem.

_ [Gláucon] Tarefa divina, essa que tu dizes.

_ [Sócrates] Útil certamente, para a procura do belo e do bom, mas inútil, se se levar a cabo com outro fim (PLATÃO, 1996, p. 346)²³.

Para coroar o seu currículo de estudos, Platão estabelece a dialética como a última das disciplinas científicas a serem cursadas, porque ela é não apenas o seu complemento máximo, mas sim a razão última de todo o processo educativo, pela qual terão de passar os dirigentes da sociedade por ele almejada; isso significa afirmar que a dialética é o ápice da pedagogia platônica, sem a qual os cidadãos destinados ao governo do Estado, isto é, os filósofos, não terão o método mais adequado para se desvencilharem dos grilhões que prendem suas mentes ao Mundo Sensível e, assim, atingir, por intermédio do exercício da razão e da inteligência, a contemplação do Mundo Inteligível, em cujo topo reside a Ideia do Bem, a qual, por sua vez, constitui o critério supremo e absoluto tanto para a sua formação quanto para a sua conduta intelectual e moral. Assim sendo:

O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos (PLATÃO, 1996, p. 349)²⁴.

Pela dialética, Platão garante ao filósofo não apenas a transição da multiplicidade e da mutabilidade sensível para a unidade e a imutabilidade inteligível (dialética ascendente), mas também o caminho inverso (dialética descendente), oferecendo, com isso, a melhor ou a mais perfeita maneira de conhecer a realidade em sua totalidade, razão pela qual aqueles que nela forem hábeis terão condições, em termos especulativos, de saber distinguir ao máximo possível a aparência da essência e, em termos pragmáticos, serão os indivíduos mais aptos a comandar o Estado. Por tal razão, importa tanto colocá-la acima de todas as demais ciências

²³ Cf. *República*, 531c. Aqui Platão reconhece a utilidade puramente contemplativa da harmonia, ao contrário das ciências mencionadas anteriormente (aritmética, geometria, estereometria e astronomia), as quais, conforme já afirmado, possuem tanto uma utilidade teórica quanto uma utilidade prática. Com isso, o filósofo ático estabelece que o útil não é, necessariamente, apenas o pragmático, visto que a teoria, ainda que não se ocupe de produzir resultados imediatos ou palpáveis, nem por isso deixa de ter, em contrapartida, a sua utilidade e, portanto, o seu valor.

²⁴ Cf. *República*, 533d.

supracitadas (aritmética, geometria, estereometria, astronomia e harmonia) quanto fazer delas o seu prelúdio²⁵, a fim de que a educação cumpra o seu propósito fundamental, que é elevar as mentes à contemplação da Idéia do Bem:

_ [Sócrates] Acaso também chamas dialéctico aquele que apreende a essência de cada coisa? E aquele que não a possui, negarás que quanto menos for capaz de prestar contas dela a si mesmo ou aos outros, tanto menos terá o entendimento dessa coisa?

_ [Gláucon] Pois que outra afirmação poderia fazer?

_ [Sócrates] Ora não é também da mesma maneira relativamente ao bem? Quem não for capaz de definir com palavras a ideia do bem, separando-a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objecções com um raciocínio infalível – não dirás que uma pessoa nestas condições não conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contacto com alguma imagem, é pela opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida actual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descerá ao Hades para lá cair num sono completo?

_ [Gláucon] Por Zeus, tudo isso eu sustentarei afincadamente.

_ [Sócrates] Mas, se um dia tiveres de facto de educar na prática aquelas crianças que educas e instruis em palavras, não consentirás, segundo creio, que sejam como simples quantidades irracionais, se têm de governar a cidade e de ser senhores das altas instâncias.

_ [Gláucon] Claro que não.

_ [Sócrates] Estabelecerás então para eles a lei de que devem sobretudo aplicar-se à educação pela qual se tornarão capazes de interrogar e de responder da maneira mais sábia?

_ [Gláucon] Estabelecê-la-ei, juntamente contigo.

_ [Sócrates] Achas então que a dialéctica se situa para nós lá no alto, como se fosse a cúpula das ciências, e que estará certo que não se coloque nenhuma outra forma do saber acima dela, mas que representa o fastígio do saber?

_ [Gláucon] Acho que sim (PLATÃO, 1996, p. 351-352)²⁶.

Considerações finais

O ideário pedagógico que Platão concebe articular e desenvolve na sua obra *A República*, simultaneamente, resultado dos seus esforços e dos seus propósitos que caminham no sentido de concretizar a sua filosofia da educação em particular e, em geral, o seu sistema

²⁵ A libertação das algemas e o voltar-se das sombras para as figurinhas e para a luz e a ascensão da caverna para o Sol, uma vez lá chegados, a incapacidade que ainda têm de olhar para os animais e plantas e para a luz do Sol, mas, por outro lado, o poder contemplar reflexos divinos na água e sombras, de coisas reais, e não, como anteriormente, sombras de imagens lançadas por uma luz que é, ela mesmo, apenas uma imagem, comparada com o Sol – são esses os efeitos produzidos por todo este estudo das ciências que analisámos; elevam a parte mais nobre da alma à contemplação da visão do mais excelente dos seres, tal como há pouco a parte mais clarividente do corpo se elevava à contemplação do objecto mais brilhante na região do corpóreo e do visível (PLATÃO, 1996, p. 347-348; cf. *República*, 532c-d).

²⁶ Cf. *República*, 534b-e.

filosófico (o primeiro do qual se tem notícia na civilização ocidental), aqui descrito focando-se a sua ontologia, a sua epistemologia, a sua ética e a sua filosofia política.

Ao reunir em seu pensamento não apenas as tradições pré-socráticas (jônicas, pitagóricas, eleáticas, heraclíticas e pluralistas), mas também as tradições socráticas (Sócrates e os denominados socráticos menores: megáricos, cínicos e cirenaicos) e sofísticas (dentre os quais figuram: Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico e Trasímaco), Platão não apenas as retoma e delas se apropria, mas também as supera, em nível teórico, ao responder às principais indagações por elas levantadas e, em nível prático, propõe reformas políticas, sociais, morais e educacionais, erigindo, assim, um sistema filosófico que, estabelecendo o primado da ideia e da razão, no tocante à determinação da realidade e do seu conhecimento, reclama, conseqüentemente, a primazia da transcendência e, destarte, lança os alicerces de uma das principais matrizes do racionalismo e do idealismo conhecidos ao longo da história da filosofia.

Com relação à tradição pré-socrática, a filosofia platônica, apresentando a tese do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível, resolve (pela primeira vez, porém, ainda não em definitivo, posto que, em filosofia, nunca há questões terminantemente solucionadas) os impasses gerados pelo monismo eleático e pelo pluralismo heracliteano, do mesmo modo que supera as tensões entre o materialismo jônico e o formalismo pitagórico, conciliando, assim, a unidade e a multiplicidade do ser.

Com relação à tradição socrática, Platão leva adiante o método do qual se servia o seu principal inspirador (Sócrates), utilizando-se da filosofia como a arte da refutação e, sucessivamente, elevando-a à mais excelente arte de dialogar, ao estabelecer a dialética como a principal atividade filosófica. Desse modo, ultrapassa não apenas Sócrates, mas também as escolas socráticas megárica, cínica e cirenaica, uma vez que, malgrado a sua importância, bem como o seu reconhecido mérito em relação à filosofia, não conseguiram fazer com que a dialética atingisse patamares tão elevados de amplitude e de profundidade que lhe foram conferidos pelo gênio de Platão.

Com relação à tradição sofística, a obra de Platão é de um modo geral, uma denúncia que revela a tergiversação feita pelos sofistas em relação às mais caras questões filosóficas (tais como, por exemplo, o problema do ser, do conhecer, do bem, do belo, do justo e do verdadeiro). O filósofo demonstrou ainda que a prioridade dada pelos sofistas à persuasão fazia com que eles se preocupassem mais com a vitória nas disputas verbais do que com a defesa da veracidade, o que fazia com que apenas imitassem os sábios, sem sê-lo de fato. Ademais, por exercerem sua atividade mediante remuneração, profanavam a sacralidade do

saber, reduzindo-o a um produto a ser comprado ou vendido como qualquer outro no mercado.

Graças à sua enorme capacidade intelectual, Platão legou à civilização ocidental um dos seus fundamentais sistemas de pensamento, cujos princípios especulativos e pragmáticos serviram de subsídios para diversos campos do saber, dentre os quais se encontra a pedagogia, razão pela qual deve ao platonismo um dos seus paradigmas primordiais, a partir do qual se tornou possível a construção de teorias e de práticas pedagógicas que não separassem, por sua vez, a política, a moral e a educação.

Outrossim, deve-se a Platão o apanágio de ser um dos primeiros filósofos dos quais se tem notícia a propor a tese de que ao Estado caberia gerir a formação dos seus cidadãos, zelando, destarte, pelo seu aprimoramento intelectual e moral, motivo pelo qual apenas aqueles que detivessem os níveis mais apurados de saber e de virtude, em cujo cerne localizar-se-iam os Reis-Filósofos ou os Filósofos-Reis, poderiam nele ocupar os seus cargos de comando; com isso, fica estabelecida, conforme atesta *A República*, a primazia da aristocracia como forma de governo fundada na prerrogativa intelectual e moral daqueles que, pela sua natureza e educação, se sobressaíssem em gênio e em conduta.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARÍAS, J. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PADOVANI, U. & CASTAGNOLA, L. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.
- PAVIANI, J. (2008). **Platão & a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008. (Coleção Pensadores & Educação)
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1996.
- _____. **Diálogos IV: Sofista – Político – Filebo – Timeu – Crítias**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1999.
- REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- SCOLNICOV, S. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- TEIXEIRA, E. F. B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Editora Paulus, 2006. (Coleção Filosofia)